



Quatro Casos de Incomunicação¹

Epitácio Gueiros Sales Filho, André Luiz da Silva Xavier, Cirdes Nunes Moreira, Clécia Rufino de Santana, Felipe Eduardo Araújo de Carvalho, Gilvanice Marques de Lima, Maria Nazaré Cavalcanti da Silva, Mariomar Martins Teixeira de Almeida, Mirella Albuquerque de Freitas, Núbia Ferreira Guedes².
Betania Maciel³

Universidade Federal Rural de Pernambuco

Resumo

Neste trabalho são apresentados alguns casos de incomunicação referentes a experiências vivenciadas a partir de discussões relacionadas à problemática da comunicação e informação científica para o Desenvolvimento Local. Os casos apresentados são pontuados no que concerne a cada uma das sete barreiras da comunicação, com base nos preceitos estabelecidos por John Parry, no sentido de proporcionar reflexões situadas na contextualização apresentada.

Palavras-chave

Comunicação Científica; Extensão Rural; Desenvolvimento Local; Educação Ambiental.

Este artigo⁴ trata de enumerar as sete barreiras da comunicação, do livro de John Parry, *Psicologia da Comunicação*, 1972, a seguir para melhor entendimento citaremos alguns casos de incomunicação revelados na prática de nossa realidade. As situações abaixo relacionadas supõem que o ensino está tentando transmitir uma mensagem ao receptor, podendo-se rastrear o fracasso até chegar a qualquer uma das duas partes ou possivelmente às duas. Na última situação, queremos esclarecer que não é caracterizada como uma concepção psicológica; o que significaria que nada tem a ver a causa dos fracassos da comunicação estar relacionada com as características do ensino e do receptor. Queremos nesse estudo deixar claro que os recursos inadequados de comunicação acarretam prejuízos tanto quanto a ausência deles.

¹ Trabalho apresentado ao NP 09 - Comunicação Científica e Ambiental, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

² Mestrando em Extensão Rural e Desenvolvimento Local - POSMEX - da Universidade Federal Rural de Pernambuco

³ Professora da Disciplina Comunicação e Informação Científica para o Desenvolvimento ? POSMEX/UFRPE

⁴ Trabalho apresentado na Disciplina Comunicação e Informação Científica para o Desenvolvimento - POSMEX/UFRPE, ministrada pela Prof^a. Dr^a. Betania Maciel.



As barreiras estão relacionadas diretamente como o receptor recebe a mensagem, não sabendo distingui-la. Como que, nem todos os fracassos de comunicação acarretam um mal-entendido específico. Muitos não conduzem a nenhum entendimento, senão apenas a uma confusa impressão de que alguma coisa deixou de ser registrada.

Em outras ocasiões, reduz-se a eficiência na rapidez ou precisão com que a informação é assimilada. A interpretação dos códigos muitas vezes inclui obstáculos à comunicação. A falta de entendimento das mensagens tanto pode causar um mal entendido e outras vezes não levam ao entendimento, deixando muitas impressões de que algo deixou de ser registrado. (MACIEL, et al, 1998).

O fascínio da ampliação dos conhecimentos na área vital da comunicação, face ao surgimento de novos casos de incomunicação, (e até casos antigos que persistem até hoje, aparentemente sem solução, apesar das novas tecnologias de informação inseridas nos processos comunicacionais), continuamos a sentir e perceber o “sofrimento” de uma sociedade que luta desesperadamente para desenvolver-se, muitas vezes ignorando o fato de que, somente há desenvolvimento com conhecimento e conhecimento depende de comunicação. Comunicação ampla, em todos os aspectos: culturais, sociais, econômicos, empresariais e interpessoais.

Uma das causas desse “sofrimento” poderá ser atribuída às grandes e rápidas mudanças que acontecem nos dias de hoje, pois todos os dias, temos a oportunidade de testemunhar descobertas e avanços cada vez mais surpreendentes, e embora entendamos e aceitemos tais evoluções e tenhamos conhecimento desses avanços, permanecemos ainda cometendo os mesmos velhos erros do passado. Como decifrar tal enigma? Como equacionar problema tão complexo? Como desvendar tal mistério?

Observemos o seguinte: a comunicação através da mídia nos dias de hoje ganhou impulso como nunca se tinha visto antes. A alta tecnologia e a ciência, associadas promoveram um salto gigantesco no desenvolvimento das sociedades, promovendo uma verdadeira revolução nos costumes e atitudes de grande parte da humanidade. O que é mais surpreendente, é que essas mudanças têm ocorrido em velocidades cada vez maiores, aceleradas pelo próprio desenvolvimento tecnológico que se auto-alimenta.

Cabe ao homem, buscar rapidamente adaptar-se a essas mudanças de forma a não se deixar ficar a reboque dos acontecimentos. Essa atitude desesperada, de busca a respostas imediatas, gera barreiras que comprometem os resultados do processo comunicacional, pois impedem reflexões mais profundas e detalhadas sobre determinados problemas, levando o ser



humano a tomar decisões baseadas em simulacros que não retratam a nova realidade, e conseqüentemente, a um resultado não confiável.

A comunicação é um fator muito importante na sociedade, tanto na antiga como na atual. Sua definição já é percebida ao separarmos o nome comum e ação, ou seja, ação comum; apesar de parecer algo tão rotineiro, tão comum, *ação*. Vivenciamos a comunicação todos os instantes, de forma consciente ou inconsciente através de maneiras verbais ou não-verbais (BERLO, 1999); usando ou não os cinco sentidos humanos: visão, audição, tato, paladar e olfato; podendo ficar mais complexa ao querermos entender as linguagens da natureza não racional. Berlo (1999) cita:

A linguagem é apenas um dos códigos que usamos para exprimir as idéias. Birdwhistell e outros estudaram a comunicação por formas não-verbais: por expressões faciais, por movimentos das mãos e dos braços. Empregando câmaras infra-vermelhas e outros dispositivos como o *medidor de gestos*, os pesquisadores observaram os movimentos gerais do corpo de expectadores de cinema e televisão e apuraram que as platéias comunicam seu interesse por esses movimentos corporais. (...)As pessoas podem comunicar-se em muitos níveis, por muitas razões, com muitas pessoas, de muitas formas. (BERLO, 1999, p. 1)

A comunicação para existir, tem como maior importância o transmissor e o receptor, porém não devemos ignorar os seus elementos: fonte, codificador, canal, mensagem, decodificador, o próprio receptor para vitalizar o processo de comunicação ou a ação comunicativa (REGO, 1986, HABERMAS, 2002).

A importância de se comunicar um com o outro de maneira transparente, se atrelando à compreensão das colocações das idéias individuais para uma absolvição interna é fundamental para um grupo. A força ou o poder da comunicação é erroneamente ignorado por pessoas e instituições, pois a comunicação é a geradora de influências muitas vezes incalculáveis, causando grande transformação construtivamente objetivando reduzir suas divergências, diferenças individuais e contextos limitados; caso excedam essas diferenças, ultrapassa-se a tolerância individual ou coletiva, gerando grandes conflitos (BERLO, 1999; REGO, 1986), e cria a falência da comunicação (HABERMAS, 2002) em quaisquer contextos sociais.

Desta maneira, surgem barreiras as mais diversas. E neste trabalho passamos a comentar algumas dessas barreiras com a citação de alguns casos.

1. Protagonismo feminino:

A questão de estimular a participação da mulher, enquanto sujeitos, nas discussões que envolvem as comunidades rurais no Nordeste do Brasil tem se configurado num tema de



grande interesse, sobretudo por se considerar que tem sido crescente o papel do referido gênero na construção dos processos de discussão das diferentes dimensões que envolvem o desenvolvimento das comunidades em que estão inseridas.

Uma agente de desenvolvimento, ao perceber que todas as vezes que se reunia com a comunidade, havia a tendência das mulheres ficarem separadas dos homens, normalmente se formando dois grupos nos plenários, com nítida separação por gênero, resolveu intervir, através de algumas dinâmicas que proporcionassem a mistura dos gêneros, por imaginar que isso aumentaria a integração e participação nas discussões.

Após tais dinâmicas, a agente percebeu que, embora geograficamente os gêneros estivessem integrados, visto que estavam misturados no plenário; a participação das mulheres nesses casos ficava prejudicada, já que as mesmas pareciam sentir-se inibidas de tomar a iniciativa de intervir nas discussões.

Mesmo a despeito do crescimento da participação das mesmas na ocupação dos postos de trabalho e liderança dos grupos, quando na presença dos companheiros, e por estarem desagregadas, as mesmas tomavam posição passiva, mantendo-se em silêncio, inibindo-se de participar das discussões.

A agente decidiu não mais realizar tais dinâmicas que forçavam a mistura dos gêneros no plenário, deixando-as à vontade. A partir daí percebeu que, embora as mesmas usualmente ficassem em grupos, neste caso, “de mulheres”, isso proporcionava que elas ganhavam espaço para se combinar, durante as discussões, até mesmo em conversas “paralelas” que tinham como resultado a provocação de iniciativas de intervenção, agora fortalecidas pelo respaldo das parceiras que haviam construído, de maneira digamos “sorradeira”, as oportunidades de intervenções representativas do pensamento do gênero, reforçadas muitas vezes pelo declarado apoio das demais mulheres.

Verificam-se neste caso, pelo menos duas barreiras das sete que foram enumeradas por John Parry: Incompatibilidade dos Planos, entre o que a agente imaginou e a forma que efetivamente se dá a comunicação entre as mulheres; e ausência de recursos de comunicação que as mesmas passam a sofrer quando ficam distantes umas das outras no plenário.

2. Educação ambiental

No mês de abril do ano de 2005 um grupo de alunos de uma instituição de ensino superior se propôs a realizar um trabalho que tinha como foco a educação ambiental. Eles foram para uma escola municipal de uma comunidade muito carente e fizeram várias



atividades com os alunos do Ensino Fundamental I (de 1ª a 4ª série), onde abordaram a importância da preservação do meio ambiente.

Os universitários foram bastante criativos e dinâmicos, mas percebemos que alguns alunos não tiveram o cuidado de usar um vocabulário adequado para aquele público. Ou seja, não perceberam que algumas palavras empregadas por eles na sua apresentação, não eram entendidas pelas crianças. Isso ocorreu, porque tais palavras não faziam parte do seu vocabulário.

Os alunos que realizaram a atividade não se preocuparam em explicar alguns termos empregados, como biodiversidade, vulnerabilidade, entre outros. Acharam que estavam sendo claros e objetivos. Porém, ao questionar algumas crianças sobre o que elas tinham entendido, as mesmas não sabiam explicar.

Nesse caso é possível identificarmos duas barreiras à comunicação: 1) *limitação da capacidade do receptor*; 2) *presunção não enunciada*. Na primeira, os receptores não possuíam grau de instrução que permitisse o entendimento das mensagens transmitidas pelos universitários. Na segunda, o emissor (universitário) não se preocupou em esclarecer, ou melhor, explicitar alguns termos utilizados nas atividades, porque presumiram que as crianças tinham o nível de conhecimento desejável.

3. Inclusão da tecnologia do GPS e do Eco-sonda nas embarcações pesqueiras artesanais do litoral

Num município do Estado de Pernambuco foi incentivada, por algumas instituições governamentais, a inclusão da tecnologia do GPS e do Eco-sonda nas embarcações pesqueiras artesanais do litoral. Este projeto teve como objetivo o de melhorar as condições de captura dos estoques pesqueiros e o desempenho das embarcações pesqueiras locais. Como também incluir o pescador artesanal no acesso as novas tecnologias de pesca.

Tal iniciativa decorrer de uma estratégia de inclusão social e tecnológica envolvida num planejamento de capacitação teórico/prático e acompanhamento sistemático. Operacionalizada por uma equipe multidisciplinar, na qual tinha como carro chefe a especialidade do engenheiro de pesca.

Para a equipe multidisciplinar à mediada ia admitir a inclusão do pescador artesanal na modernização do setor pesqueiro. Logo, permitindo que os pescadores acessassem as novas tecnologias e se inserissem no atual modelo de desenvolvimento.

Mas, nem tudo funciona como o projetado. Principalmente quando trabalhamos com comunidades humanas. Os recursos técnicos, as capacitações e os treinamentos não surtiram o efeito desejado. Fazendo uma reflexão mais aprofundada da estratégia utilizada pela proposta de inclusão tecnológica, constatou-se que a linguagem utilizada pelos profissionais diferia do vocabulário utilizado pelos pescadores. Na verdade, indentificou-se que apesar dessa nova tecnologia ser importante para o desempenho da pesca o pescador, basicamente pesca dentro da plataforma continental dado as especificações das embarcações e dos apetrechos de pesca utilizados na captura.

Outro fator relevante é a cerca da técnica de navegação utilizada pelos pescadores denominada de marcação (marcação de dois pontos olhando-se em direção a terra e um ponto que é a embarcação unindo-se os pontos com linhas imaginárias tem-se um ponto) este é o modelo tradicionalmente utilizados pelos pescadores. É através desta técnica que os pescadores navegam e marcam seus pontos e pesqueiros sem qualquer problema.

Outro fator agravante no processo de inclusão tecnológica é o grande número de pescadores analfabeto e semi-analfabeto encontrado nesta categoria ao longo do litoral pernambucano.

De acordo com John Parry podemos extrair algumas barreiras à comunicação humana, dentre elas a “incompatibilidade dos esquemas”, detectada, no caso acima, no confronto entre o saber popular (a utilização da marcação como instrumento de navegação e pesca) e o saber científico, representado pelo conhecimento dos engenheiros de pesca através dos cursos e treinamentos.

Outro detalhe que pode servir como exemplo para a barreira de comunicação conceituada de “presunção enunciada”, apresenta-se no instante em que embora o material utilizado pelos técnicos nos cursos e treinamentos ministrados fossem traduzidos e adaptados os manuais dos equipamentos do GPS e o da Eco-sonda, como na maioria dos equipamentos eletrônicos, a tela de apresentação (monitor) é em inglês, idioma não corrente ao público de destino.

Pode-se também desta experiência identificar uma outra barreira da comunicação que é denominada a “limitação da capacidade do receptor” dado que os possíveis usuários dos equipamentos eletrônicos não possuem grau de instrução compatível a compreensão da utilizada de dos instrumentos ofertados.

Reportando a John Parry quando este diz que as condições ideais adequadas para receber e produzir comunicação variam de acordo com as consideráveis diferenças individuais, bem como, neste caso com as diferenças culturais e sociais.

4. Comunicação e os assentados

Ao desenvolvermos os estudos de comunicação nos assentamentos rurais do Cabo de Santo Agostinho e analisarmos as indagações que foram propostas para realização da pesquisa, que foram as seguintes:

a) como se manifesta o agir comunicacional que anima a formação e o desenvolvimento de grupos de mulheres na zona canavieira de Pernambuco?

Os materiais utilizados na comunicação no decorrer do Projeto Gênero e Desenvolvimento Local Sustentável nos assentamentos de Potozi, Arariba de baixo, Arariba da Pedra foi pela linguagem oral, seja por telefone, reuniões, visitas diárias dos técnicos e cursos de capacitação para os assentados. Raras vezes ocorria pela escrita como: cartazes, fotos, desenhos e vídeos. Como é citado abaixo nas reuniões coletivas em Potozi.

Novos informes:

“M – Técnica: - Eu tenho outro informe, que eu acho que já falei um pouco antes, dia 1 ao dia 3 de dezembro vai acontecer o 7º seminário, é gratuito, eu trouxe duas cópias pra vocês dá uma olhada depois, é assim: o seminário da rede de mulheres produtoras do Nordeste, que são vários grupos de mulheres que produzem coisas, que sejam um jeito de gerações de rendas. Pode ser produtos de agricultura, ou também artesanato, então esses grupos vão se encontrar entre os dias 1 e 3, lá na casa convencional Marista que é em Apipucos, não sei se alguém de vocês conhecem?

Assentadas - Conheço não.

M – técnica: - Aqui de Potozi, a gente pensou o que a gente pode prestigiar algumas pessoas e se vocês gostariam de participar, aí vai viajar dia 1º bem cedinho, de manhã e só volta dia 3 à tarde. E dia 1º lá vai ter uma feira, cada grupo vai poder expor o que está produzindo, e também pode vender, então, aqui a gente pode, o projeto vai dar o apoio, que é levando galinha em um freezer, sei lá! A gente tem que pensar como podia funcionar isso, mas primeiro eu acho que vocês têm que fazer alguma coisa que interessa a vocês que vão querer participar. Eu acho isso vantagem que também podiam ir, porque todos nós, eu acho, que a ONG - Centro das Mulheres, Casa das Mulheres do Nordeste, fica apoiando isso, a gente está sempre defendendo a comunidade solidária, vocês sabem disso, então é uma forma da gente se fortalecer.” (RCP, p.2)

Os novos informes são feitos para estimular uma participação coletiva das mulheres dos assentamentos com outras pessoas que também trabalham ou são de assentamentos e de outras organizações não-governamentais. Infelizmente, somente as mulheres solteiras dos



três assentamentos estavam dispostas a participar de reuniões conforme sugerido pelo Centro das Mulheres do Cabo, os maridos de nenhum dos assentamentos permitiam. Todas que viajavam tinham que transmitir as experiências vividas nos encontros externos para os outros assentados em reuniões.

Reuniões participativas:

“M – técnica: - Depois a gente pode ver quem consegue ou não precisa escrever? não sei, se combinar um pouco no pequeno grupo, depois o pequeno grupo vai dizer, o nosso grupo discutiu que tem haver com isso, com isso, com aquilo, sei lá e essa gente vai trocar aí vamos ampliar a discussão, pode ser?

Assentadas: - Pode ser.” (RCP, p. 6)

Para poder envolver as assentadas, mesmo que os técnicos trouxessem material didático diferenciado, normalmente havia uma conversa sobre o desenvolver do trabalho e da pauta da reunião. As reuniões nunca começavam sem ser feita a pauta.

Porém normalmente quando havia a participação da coordenadora geral do Projeto, Marlis, a mesma sempre iniciava o trabalho com brincadeiras infantis, que eram dinâmicas pedagógicas para poder diminuir as tensões existentes sempre no início de todas as reuniões. As técnicas trazidas eram eficazes para a meta almejada da reunião.

A comunicação passa por processos de transformação e sua eficácia será analisada após os resultados que visam atingir ou ultrapassar. O melhor resultado está ou se dá quando a comunicação possui a clareza de suas idéias, ou seja, sua transparência, muito enfatizada por Habermas (2002, p. 73):

Logo no plano elementar dos substratos simbólicos, os falantes e ouvintes devem poder reconhecer os mesmos tipos simbólicos na multiplicidade dos acontecimentos simbólicos correspondentes. A isto corresponde a suposição de sentidos invariantes no plano semântico. Os pertencentes a uma comunidade lingüística devem partir na prática do fato de que, em todos os casos, as expressões construídas gramaticalmente, que afirmam, têm um significado comum, dentro da multiplicidade dos contextos de utilização, idêntico para todos os participantes.

b) como os grupos de mulheres superam suas dificuldades comunicacionais e de gênero, seja nos processos organizativos, seja nos processos de produção?

Infelizmente não houve superação das dificuldades em curto prazo de dois anos do projeto promovido pela Intermon, ocorreram surpresas positivas como estímulo à educação para as crianças, aos jovens e adultos que estavam longe da escola ao seu retorno (solicitaram ao CMC para pressionar a prefeitura para trazer professores ou o próprio Centro para dar estrutura), podendo tal estímulo ter sido o gerado com o convívio com novas experiências:



técnicos, facilitadores dos treinamentos, profissionais externos para orientar cada área específica das atividades desenvolvidas nos assentamentos.

Tudo gerou um mundo novo, os assentados perceberam que não era nenhum projeto que eles arcavam com suas próprias economias e ao mesmo tempo não estimulava uma dependência, no sentido de dar para querer algo em troca, ou projeto assistencialista como esmola. O objetivo do projeto o tempo todo foi gerar uma autonomia econômica adequada à realidade de cada assentamento, para trazer melhor qualidade de vida e uma nova renda para família e o sucesso do CMC com os projetos desenvolvidos significaria trazer mais verbas internacionais para o Nordeste Pernambucano, principalmente aquela área.

Porém gerar autonomia também assusta grupos que está esperando sempre algo por voto em período de eleição ou assistencialismo sem um esforço de crescimento pessoal. E gerar autonomia significa conhecer liberdade de escolha, que para Sen (2000) “o papel instrumental da liberdade concerne ao modo como diferentes tipos de direitos, oportunidades e intitamentos” (p. 53), e assim desenvolver a racionalidade expressa por Habermas.

A racionalidade defendida por Habermas não é a racionalidade instrumental, e daí que ele vai desenvolver a ação comunicativa, não limitado ao campo do sistema, mas da relação do mundo da vida, estabelecendo uma nova forma, e possibilidade inclusive de quebrar com o próprio sistema econômico-político e social existente, chamando de virada lingüística, resgatando a questão da lingüística que é próprio da década de 60, dando um foco para o campo da cultura e da lingüística. E toda ação comunicativa vai se dar na construção desse modelo, em cima de uma revisão da Teoria Clássica da Sociologia, introduzindo a questão da lingüística, exaltando a questão da argumentação (HABERMAS, 1984; 1987; 2002).

Ação comunicativa ocorre no nível da comunicação e a partir da argumentação pressupondo indivíduos com certa autonomia e capazes de diálogo, com uma situação ideal de fala onde todos têm direito a falar, capacidade para também argumentar, seria nesse confronto da argumentação que poderia então construir novo parâmetro inclusive para democracia.

Essa não racionalidade que afetou a ação comunicativa aconteceu por vários “ruídos” que interferiram o processo de comunicação pode ser bem avaliada com Parry (1972) e as sete barreiras da comunicação:

Limitação da capacidade do receptor – visa não só a capacidade do receptor, mas a qualidade da mensagem transmitida e sua interpretação.

O analfabetismo existente dentro do assentamento é grande, e mesmo com o quando abaixo figurando ao contrário, os questionários preenchidos e entrevistas feitas apresentavam

oposição, pois os mesmos se constrangem de se apresentarem analfabetos, na sua maioria só sabem assinar o nome e só ler soletrando.

E como diz Sen (2000, p. 56) “o analfabetismo pode ser uma barreira formidável à participação em atividades econômicas que requeiram produção segundo especificações ou que exijam rigoroso controle de qualidade [uma exigência sempre crescente no comércio globalizado]”. E para os técnicos foi a maior dificuldade de enfrentar com analfabetismo, pois afetava a comunicação e a compreensão dos assentados tanto para redução de agrotóxicos na plantação como na criação das cooperativas à comercialização dos produtos desenvolvidos dentro dos assentamentos ao mercado externo.

Distração – inclui fatores extrínsecos que interferem na captação da mensagem.

Aqui coloco os locais das reuniões, excluindo Arariba da Pedra, eram impróprios, exemplo:

Potozi: O local da reunião era em algum aviário quando estava vazio, o assentamento só possuía um quartinho para dar aula, ser o local da associação e em alguns momentos o depósito da comida dos pintos. Além do cheiro, tudo era construído na parte coletiva do assentamento em cima de uma montanha, o movimento do vento e o frio, que até para alguns assentados sem agasalho ficava difícil estar sentado e se concentrar em um diálogo. As cadeiras das reuniões foram doadas pelo Centro das Mulheres do Cabo.

Arariba de Baixo: A reunião era feita em uma das escolas do assentamento, fazendo parte do coletivo, mas era ao lado de uma mercearia, de uma estrada e uma parada de ônibus e caminhão havendo movimentos externo e barulhento constante, prejudicando quando havia discussões internas entre os assentados dentro das reuniões, afetando a concentração e em alguns momentos gerando irritabilidade (por causa do barulho externo) aos participantes das reuniões.

1) Presunção não enunciada – A pessoa que fala ou escreve uma suposição que não necessitar de explicação.

Não foi pressentida tal situação, ocorrendo assim em muita ação tardia, pois os técnicos nada faziam se não houvesse compreensão e consentimento dos assentados. Eram extremamente corretos com os assentados e tinham a maior paciência de explicar, orientar e trabalhar junto como se fosse um deles caso necessário, fato que ocorreu muitas vezes.

2) Incompatibilidade dos planos – os objetivos das pessoas participantes são divergentes.

O comprometimento moral com o projeto nem sempre era real.

Arariba da Pedra: Muitos assentados pegaram as sementes dos maracujás gratuitamente com o CMC e tinha que vender 50% da colheita para a fabricação de polpa de fruta (o



maquinário foi dado pelo projeto), como naquele período de 2003 o plantio da cana foi baixo em valor, e o maracujá estava em alta, os mesmos preferiram vender fora do município ou do estado com lucro maior e acima do mercado local.

Potozi: Os alimentos dos pintos e os pintos quando estavam para serem comercializados eram roubados. Infelizmente, por assentados participantes do projeto. Assim como, os homens do projeto faziam tudo para prejudicar a participação das mulheres no projeto, ou seja, conflito de gênero. Depois do primeiro item aqui citado, conflito de gênero foi o segundo maior problema ocorrendo mais em Potozi. Eles não queriam que as mulheres participassem da comercialização, e para tirar qualquer credibilidade do CMC sob elas, eles quebravam regras danosas para criação dos pintos. Exemplo: Só podia entrar no aviário pisando na cal, para evitar transmissão de bactérias ou coisas similares, os mesmo não obedeciam a essa regra quando os técnicos estavam ausentes, sendo a queixa das mulheres na ausência dos maridos. Porém quando os maridos participavam somente as poucas solteiras, separadas e viúvas (muitas acabaram saindo do projeto por pressão masculina) e a técnica que evidenciavam o fato, gerando discussões sérias e infelizmente sem resoluções práticas.

Arariba de Baixo: Após a retirada dos peixes nos tanques, os mesmos eram vendidos externamente, ficando sempre um responsável para vender e prestar conta ao tesoureiro do mês aconteceu que o “vendedor” diz que não vendeu e que os peixes ficaram podres e jogou fora, não sabendo o mesmo como aconteceu. Não é necessário dizer que houve excesso de discussão pelo fato ocorrido.

3) Intrusão de mecanismos inconscientes ou parcialmente conscientes – interpretações de informações de acordo com anseios e medos do próprio receptor.

As pessoas quando são por demais exploradas na vida, e sentem-se inferior, seja em decorrência de uma história escravagista ou até por ver o papel pessoal invertido, ou seja, uma coisa é você ser empregado, trabalhador braçal sempre obedecendo a ordens e nem sempre ter um pedaço de terra para plantar, outra coisa, é você se ver dono, providenciar seu próprio sustento, tendo limitações de conhecimentos não só sobre a própria terra e seus desafios, mas também os contatos e convivências externas, pois a maioria dos assentados só se conheceu após assumirem seus lotes. Medo, insegurança e muita fragilidade eram transmitidos por eles, e ao mesmo tempo esperança por um sonho de ter sua própria terra, na verdade nem eles acreditavam que tinham seus lotes, e não esqueçamos as dificuldades de cada assentamento. Essas emoções foram as mais expostas pelos assentados de maneira direta e indireta prejudicando o desempenho para a capacitação de comercialização que foi



patrocinada pelo CMC, os mesmos obtiveram três treinamentos que absolviavam os assentados participantes do projeto.

4) Apresentação confusa – determina a qualidade da informação contida no material técnico apresentado

Não ocorreu tal barreira.

5) Ausência de recursos de comunicação – ausência de meios que interfira no contato entre emissor e receptor.

A distância do Centro das Mulheres do Cabo com os assentamentos, e nos assentamentos não possuíam aparelhos para comunicação, mas o projeto providenciou celular pré-pago para os assentamentos (um para cada assentamento) e davam o crédito por mês ou dependendo da necessidade existente, informando que o próprio lucro dos trabalhos de cada projeto e seus assentamentos providenciaria o abastecimento dos cartões pré-pagos do celular.

Essas barreiras tão bem estudadas por Parry (1972) apenas enfatiza que elas existem para serem trabalhadas e diminuir assim os conflitos ou ruídos dos processos da comunicação (BERLO, 1999; REGO, 1986) ou a falência da mesma (HABERMAS, 2002).

A comunicação gera conhecimento, que gera educação e desde os primórdios da sociedade, a mesma não é igualitária e, com a globalização, tornou-se mais forte a demonstração da exclusão, assim como a intolerância com a diferença entre sociedades, seus comportamentos e culturas. Mesmo assim, se vê como uma sociedade moderna. Quanto menos acesso a sociedade tem à educação ou aos conhecimentos, ou até mesmo, à liberdade de questionar e pesquisar sobre seus pontos comuns do dia a dia e suas transformações, maior é a exclusão e a não formação ou conscientização da cidadania do indivíduo que se subentende em democracia.

A democracia não está subjugada ou limitada a essa racionalidade instrumental, mas ela se dá nesse outro nível que é da ação comunicativa através da relação de sujeitos conscientes, autônomos, que têm capacidade de argumentação, estabelecendo um outro nível para definir o que é democracia, e Habermas abre um outro caminho para superar o pessimismo da Escola Crítica de Frankfurt.

Jürgen Habermas verá ainda a questão dos Movimentos Sociais como porta-voz dessa nova racionalidade que é própria do mundo da vida, como novas formas de estabelecer relações e novos espaços públicos, não subjugados ao sistema econômico político.

A participação das pessoas ocorre desde o seu início com diálogos, seja esse falado ou escrito, o que Jürgen Habermas (2002) chamaria de agir ou ação comunicativa, gerando uma



formação discursiva e expressiva da opinião desses indivíduos que se estabelecem cidadãos, racionalmente motivados, com a função de legitimar os seus interesses por um processo crítico de comunicação.

As contribuições de Habermas são vistas como discurso científico, argumentação e fundamentação filosófica, tentando restringir o significado e a função da verdade, passando assim a ser criticado por outros estudiosos. Mas abre perspectivas a partir do momento que expõe a questão da esfera pública e movimentos sociais como espaço de negociação, o que parece adequar-se aos estudos sobre associativismo, sobretudo por sua concepção de agir comunicacional aliado à questão da racionalidade nas reuniões sociais.

Considerações finais

Considerando os casos apresentados, todos eles vivenciados nos ambientes de comunidades rurais e pesqueiras do Nordeste do Brasil e, detectadas todas as barreiras da comunicação (Parry, 1972), este trabalho permite inserir que tais situações são objetos de problemas e, portanto, tema de relevante interesse para as abordagens de extensão e desenvolvimento da contemporaneidade.

Por outro lado, os casos apresentados servem de alerta para eventuais intervenções em meio real, consideradas as dificuldades naturais de comunicação existentes entre a linguagem técnico-científica e a linguagem nos contextos populares. Nesse sentido é permissível sugerir, além do maior cuidado na decisão sobre o tipo de tecnologia ou processos propostos, sempre visando menor impacto, a aplicação de métodos lúdicos no estabelecimento da comunicação entre os técnicos e as comunidades por eles assistidas.



Referência bibliográfica

BERLO, David K. *O processo da comunicação: introdução à teoria e à prática*. 9 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

HABERMAS, J. *Agir comunicativo e razão destranscendentalizada*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002. 111p.

_____. *Mudança estrutural da esfera pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984. 397 p.

_____. *Teoria de la accion comunicativa*. Madrid: Taurus. 1987. T. 2: Crítica de la razón funcionalista. p. 161-280.

MACIEL, Betania, et al. Quinze casos de incomunicação. Trabalho apresentado no Vii sipec- sudeste. Simpósio de pesquisa em comunicação Mogi das Cruzes 1998.

MATTELART, A; MATTELART, M. *História das teorias da comunicação*. São Paulo: Loyola, 1999.

MOTA, D. M. da; FRAZÃO, F. R. A construção do conceito de racionalidade no jovem Habermas. *Revista Múltipla*, Brasília, ano 5, n. 9, p. 117 - 136, 2000.

PARRY, J. *Psicologia da comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1972.

REGO, Francisco G. T. do. *Comunicação empresarial, comunicação institucional: conceitos, estratégias, sistemas, estruturas, planejamento e técnicas*. São Paulo: Summus, 1986.

RÜDIGER, F. A Escola de Frankfurt. In: HOHLFELDT, A. (Org.) *Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências*. Petrópolis: Vozes, 2001. p.131-151.

SEN, A. *Desenvolvimento como liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GIOVENARDI, Eugênio. Capacitação Imersa. Um método pedagógico. Programa de Capacitação em apoio à Reforma Agrária. Série – Desenvolvimento Empresarial – volume IV. Brasília, DF, 1997, 2ª edição.